

A VINGANÇA DOS ATROARIS: 3 MORTOS.

(OS ÍNDIOS CONTINUARÃO PROCURANDO O HOMEM QUE OS ENGANOU?)

Os índios chegaram de surpresa ao posto de atração de Alalau, na rodovia Manaus-Caracai (território de Roraima) e rapidamente desfecharam seu ataque: mataram três trabalhadores da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Altamir Cardoso de Aguiar, Ernesto Nascimento de Aguiar e Rafael Fonseca Padilha, e incendiaram as casas.

Luiz Duarte, o quarto trabalhador, conseguiu fugir. Enquanto os índios incendiavam algumas casas do posto, Luiz conseguiu esconder-se. Mas foi descoberto. Para confundir os índios, ele usou foguetes e aproveitou a fumaça para atingir o rio. Os índios o perseguiram. Tentaram flechá-lo dentro da água. Luiz mergulhou. Longe do alcance das flechas, nadou rapidamente até a outra margem.

Caminhando pela floresta, conseguiu chegar ao posto indígena de Santo Antônio, e lá contou o que tinha acontecido.

No dia 29, os índios estiveram no posto de Alalau à procura de Celso Maia, transportador de mercadorias de um dos empreiteiros encarregados do desmatamento para a construção da rodovia Manaus-Caracai.

"Esse indivíduo", explica a FUNAI, desde outubro de 1972 tinha sido proibido de entrar naquela região, pelo seu mau procedimento."

Aquela era a quarta vez que os índios o procuravam. Como não o encontraram, foram embora. Mas voltaram no dia seguinte. Voltaram para uma vingança. Dessa vez não procuraram o transportador de mercadorias. Atacaram o posto e mataram três funcionários da FUNAI.

Ontem, a notícia foi divulgada pela presidência da Funai, em nota oficial, onde o General Bandeira de Melo informava que tinha recebido a notícia através de um radiograma da 1ª Delegacia Regional da Funai, em Manaus.

OS WAIMIRIS-ATROARIS

Os índios do grupo Waimiris-atroaris vivem nas matas próximas a estrada Manaus-Caracai. Foram esses índios, comandados pelo cacique Magoara, que em 1968 massacraram a expedição do padre Calleri: depois desse episódio, o trabalho de atração e pacificação passou a ser conduzido pelo sertanista Gilberto Figueiredo Costa.

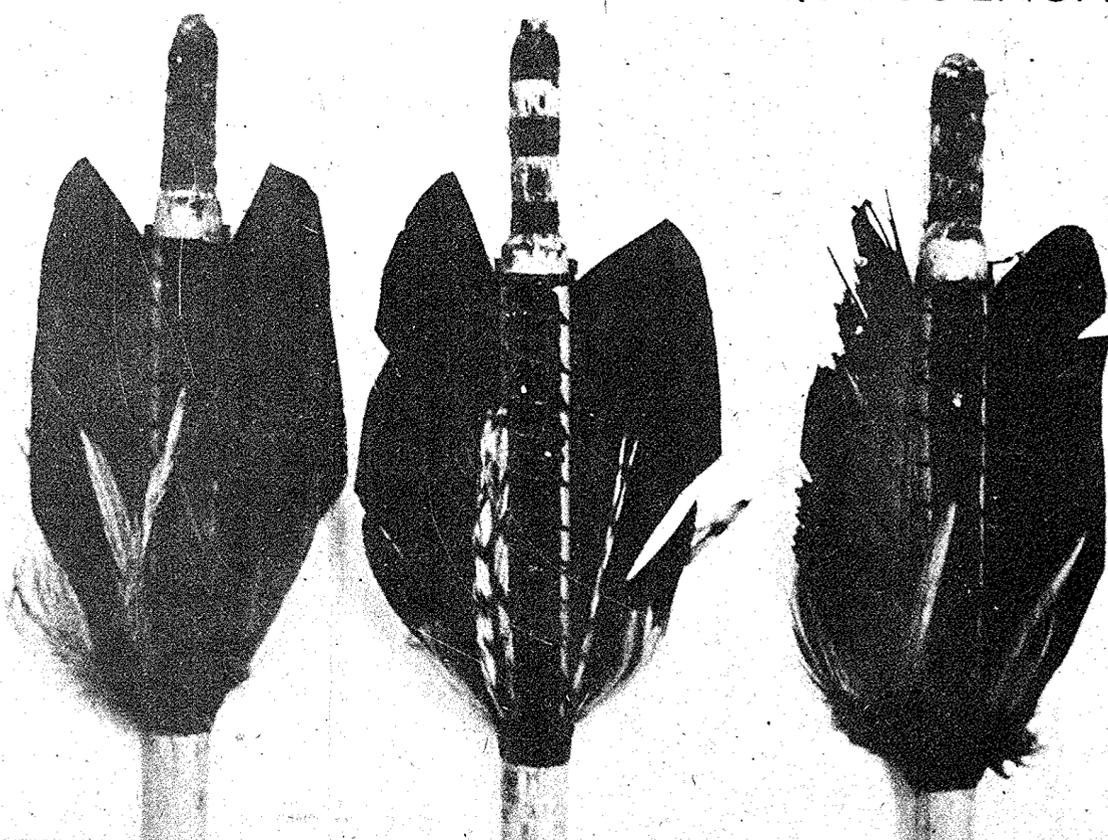
Apesar de bastante arredios, esses grupos, no ano passado, aceitaram a presença do branco em seu território.

O último incidente (antes do de ontem) foi há algumas semanas, quando o cinegrafista francês Paul Lambert tentou filmá-los. Isso provocou uma reação hostil dos índios que, no entanto, foram controlados.

Em menos de dois anos, a Funai perdeu cinco servidores no trabalho de atração e pacificação desses índios. Em novembro de 1971, os índios cinta-larga, que vivem no parque indígena do Aripuana, invadiram o sub-posto do rio Roosevelt, matando o sertanista Possidônio Bastos e o servidor da Funai Acricio C. Lima. Nessa época, os cintas-largas estavam insatisfeitos com a constante invasão de suas terras pelos colonos da Imobiliária Taporanga.

O maior problema que a Funai enfrenta quando ocorre um ataque desse tipo, além da perda humana, é o atraso no processo de atração e pacificação dos grupos indígenas, que ficam novamente arredios, com medo de uma reação de vingança por parte do branco.

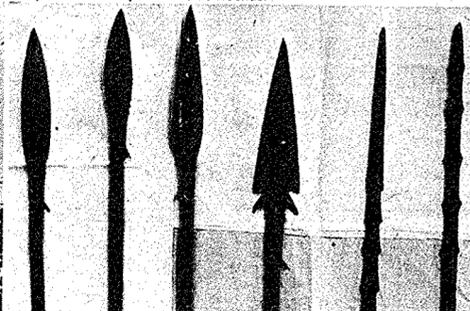
Agora, com os Waimiris-atroaris, o sertanista Gilberto Figueiredo terá de usar novamente técnicas de reaproximação.



Eles trocam suas flechas por objetos de ferro. E usam os objetos de ferro para fazerem ponteiros de flechas.



Aqui param as canoas que chegam ao posto



O seu melhor artesanato: armas.



Magoara o grande chefe, com as roupas que ganhou dos brancos e que vai tirar logo que sair do posto. E o repórter Armando Jimenez com um guerreiro atroari.

A tribo dos waimiris-atroaris é responsável por vários massacres de brancos (em represália a ações violentas dos civilizados). Esses índios já aceitam a presença dos sertanistas em seus territórios (mas são índios muito arredios, difíceis). É o que conta o repórter Armando Jimenez da Silva, que esteve com eles e os fotografou num posto da FUNAI, no Amazonas.

"Como encontrei os Atroaris"

Depois do massacre da expedição do padre Calleri, em novembro de 1968 — 11 pessoas, inclusive duas mulheres, foram trucidadas pelos índios a 235 quilômetros de Manaus — parecia muito difícil um contato com os waimiris-atroaris.

Sabendo das dificuldades de uma aproximação, recebi com surpresa a notícia, trazida por um morador do rio Negro, de que os índios estavam visitando com alguma frequência o Posto Irmãos Briglia, no rio Camanau. E que, naquele mesmo dia (primeira quinzena de dezembro), uns 40 guerreiros eram esperados no Posto.

Os waimiris-atroaris chegariam em suas grandes canoas de casca de árvore, com suas mulheres e filhos, trocariam presentes com os brancos e voltariam para suas terras, talvez mesmo no dia seguinte.

Dois lanchas da FUNAI já haviam saído de Manaus para o Posto. Numa delas, viajara o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo da Costa, chefe da turma de pacificação dos waimiris.

Em 1968, Gilberto chegou a visitar a aldeia central dos índios, acessível apenas a pessoas de extrema confiança. Nessa expedição, sua turma rompeu um pantanal de quase cinco quilômetros para os contatos com os índios, mas a missão teve de ser interrompida: uma ordem, vinda do Rio, dizia que a expedição devia se afastar; outro grupo, chefiado pelo padre Calleri, tomara o seu lugar nas tentativas de pacificação dos waimiris.

Agora, o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo da Costa estaria no Posto. Era a nossa oportunidade para um contato com os waimiris.

Saímos no outro dia, pela manhã, num deslizador, com motor Johnson de 60 HP. Levávamos apenas o mínimo necessário para uma viagem pelos rios da Amazônia: fósforos, latas de conservas, remos de emergência, algumas roupas e 20 quilos de biscoitos e balas para os índios.

Além do tanque de gasolina completamente cheio, carregávamos mais cinco galões de 20 litros de combustível — rio adentro, só há outro posto para abastecimento a 400 quilômetros de distância.

Moacyr de Souza, magro, pele castigada pelo sol, cabelos encarpados e traços nordestinos, incorporou-se ao nosso grupo, alguns quilômetros acima de Manaus, viajando pelo rio Negro. Era o nosso guia.

Moacyr viveu durante anos naquela região e precisávamos dele numa viagem como aquela, 300 quilômetros de águas difíceis, entre ilhas e dezenas de bocas de igarapés que desaguam no rio Negro, praias, montes de areia e pedras submersos.

Depois do meio-dia, deixamos para trás o rio Cuieiras e chegamos a uma região de pequenas aldeias com nomes indígenas, no arquipélago dos Anavilhanas. Daí em diante, as casas vão desaparecendo pouco a pouco. As ilhas, ocupadas pelas águas durante a cheia, afastam qualquer tentativa de fixação.

As 14h15, debaixo de um sol forte, alcançamos o Posto Fiscal de Terra Preta: uma casinha de alvenaria e uma enorme torre de rádio.

A 60 quilômetros por horas, a viagem chegava ao seu posto mais monótono — água, mata e ilhas desabitadas por quilômetros e quilômetros — quando uma violenta tempestade caiu sobre a nossa embarcação. Chegamos a pensar em algum problema, mas o sol apareceu novamente logo depois, forte como antes.

As 17h30, Moacyr, o nosso guia, aponta para a boca de igarapé de uns 30 metros de largura: "É aquele ali, o Camanau".

Estávamos praticamente no domínio dos índios. E a viagem estava chegando ao fim. Dali para a frente, o guia apenas conduziria a embarcação com sua experiência nas águas do Amazonas. Nem mesmo ele havia entrado antes no Camanau.

"O que posso contar sobre eles"

A medida que nos aproximávamos do posto da FUNAI, à margem do Camanau, os primeiros índios apareciam no barranco. "Maré bonito, maré bonito, maré, maré" — eles diziam. E nós não sabíamos o que responder. A 10 metros de nós estavam os waimiris-atroaris, da tribo que atacou a expedição do padre Calleri, em 1968, e que massacrara 13 pessoas, em quase idênticas condições há 100 anospassados. Eles formam uma tribo de uns 10 mil índios, que se dividem em dois grupos, o do rio Camanau e o do rio Alalau.

Enquanto nosso barco se aproximava da margem, eu me lembrava das histórias contadas por dona Cândida da Silva, sobrevivente da chacina de dezembro de 1946, no Posto de Camanau. Nove pessoas morreram a flechadas nesse ataque, inclusive seu marido Luiz Antônio Carvalho, funcionário do antigo Serviço de Proteção ao Índio.

Os índios se aproximam curiosos. Herdaram o ódio ao civilizado, desde que o major da antiga guarda nacional, Manoel Pereira de Vasconcelos, a pretexto de catequizar seus antepassados, massacrara todos os que encontrou pelo caminho, durante uma expedição em 1856.

Nus, apenas com um cipó enrolado à cintura e uma tira passando entre as pernas, eles vão chegando perto de nós. Não estavam armados e suas crianças vinham também para a beira da água. Então, sai de dentro daquela pequena multidão Estevão da Silva Rodrigues, encarregado do Posto Irmãos Briglia (massacrados em 1946). Os índios falam com Estevão: "Jacuanam-maré, maré bonito, maré bonito".

Devíamos descer logo do deslizador, recomenda Estevão. Os índios iam querer embarcar todos de uma vez e poderiam afundá-lo. Então, um waimiri chega bem perto de mim. É alto, forte e parece ser mais respeitado que os outros. Bate no meu peito e no dele, aponta para um outro índio, de aproximadamente 60 anos, e diz: "Papai, papai, capitão Maroaga". Estou diante do tuchaua, senhor daquelas terras, chefe supremo dos waimiris-atroaris. Maroaga é quase um mito para o povo que vive as margens do rio Negro. É temido e odiado. Maroaga esteve em contato com a expedição Calleri, antes do massacre, que ele comandou pessoalmente. Dizem que é corajoso e perverso.

Dona Cândida da Silva conheceu o chefe em outros tempos:

"E o mais valente e mau de toda a tribo. Traiçoeiro como cobra. Finge ser amigo. Depois, ataca sem piedade. Seu eu pudesse, mataria esse índio com as mãos".

Os waimiris-atroaris são homens fortes. Não vi nenhum gordo entre os guerreiros que estavam no posto. Alimentam-se principalmente de peixe e andam muito pela mata. Usam cabelos curtos, cortados com lâminas de taboca.

Algumas índias estão por perto. São baixas, barrigudas, de seios caídos e cabelos cortados como os dos homens. Vestem uma tanga tecida com fio de tucum e sementes de patatã. Os meninos têm os olhos empapuçados, provavelmente por causa das verminoses (descobri depois que comem "tabatinga", uma espécie de argila branca).

O barracão construído para os índios é espaçoso. E aí que eles se acomodam depois que escurece, para conversar. Ao lado dos homens agachados, estão os seus "jamachis", a mochila indígena, feita de folhas de palmeira e cipós, com desenhos simétricos, coloridos por resinas amarelas e vermelhas. Nelas, guardam os seus mantimentos — beijus e pastelões de mandioca — e os presentes trocados com

os brancos — anzóis, limas de aço, espelhos, fósforos. Um waimiri nunca mexe na mochila de outro índio.

Naquele dia, os waimiris haviam trocado muitos arcos e flechas mas ainda guardavam várias peças no alojamento ou em esconderijos da vizinhança. Os homens da FUNAI sabiam disso. E sabiam também que, na manhã seguinte, outra troca teria de ser feita.

Eu tinha esperança de conseguir uma conversa mais longa com Moroaga, depois do jantar. O primeiro problema era encontrar alguém que pudesse servir como intérprete; o segundo vencer o receio de um mal entendido qualquer. Moroaga poderia zangar-se no meio da conversa, bater nas nádegas com força e depois cuspir-me no rosto. Então, o paciente trabalho de pacificação da FUNAI estaria de certo modo prejudicado.

O pessoal da FUNAI, por exemplo, julga prudente não interrogá-lo a respeito de Calleri e ninguém da tribo toca no assunto. Na aldeia principal dos waimiris-atroaris, os sertanistas viram restos de objetos que pertenceram à expedição do padre Calleri. Mas agiram como se não tivessem visto.

O certo é que o padre Calleri foi vítima de sua imprudência e falta de habilidade. Forçou os índios a trabalhar antes das trocas de presentes, ameaçou um deles com a arma e expulsou outro da rede em que se deitara. Foi advertido do perigo que corria, mas insistiu em continuar trabalhando com os índios.

Pouco se sabe a respeito desses índios. As únicas informações são de pessoas que estiveram com eles durante algum tempo, como dona Cândida da Silva, que conviveu com alguns.

"Geralmente, só atacam ao amanhecer ou ao por do sol — conta ela. Antes de atacarem o Posto de Camanau estiveram conosco e até tomaram café. Estavam inquietos, porque não tinham presentes para trocar".

A verdade é que eles atacam em represália a uma violenta ação do homem branco. Ocorrendo o fuzilamento de um membro da tribo, em qualquer ponto de sua área de contato com o civilizado, a vingança é dirigida contra "o branco".

Além de pescar e de caçar, eles cultivam a bananeira e a mandioca, e fabricam redes de dormir, panelas de barro e urnas. Com as limas que recebem em troca de suas peças, transformam facões, machados e enxadas em ponteiros de flechas.

São extremamente ciumentos de suas mulheres, mas são maridos muito dedicados: as melhores frutas colhidas na mata são para elas. Normalmente, os chefes têm várias mulheres, mas o capitão Moroaga só tem uma esposa, índia esguia, de aproximadamente 50 anos, que deve ter sido muito bonita quando jovem. Ela fica sempre de mau humor quando se encontra com visitantes brancos. Nos primeiros contatos dos homens da FUNAI com a tribo, gritava e fazia gestos de ameaças: dois de seus filhos foram assassinados por civilizados.

No dia seguinte ao nosso encontro com os índios, eles deixaram o posto satisfeitos para uma viagem de seis dias até sua aldeia. Nas suas canoas de cinco metros de comprimento, alongavam todos os presentes e os mantimentos. Levavam também os cachorros vira-latas que ganharam do pessoal da FUNAI, o presente que mais pareciam apreciar.